



A ABORDAGEM DISCURSIVA NA AVALIAÇÃO DE APRAXIAS: RELAÇÕES
ENTRE LINGUAGEM, AFASIA E (A)PRAXIA
(THE DISCURSIVE APPROACH IN APRAXIAS ASSESSMENT: RELATIONS
BETWEEN LANGUAGE, APHASIA AND (A)PRAXIA)

Cláudia Helena Cerqueira MÁRMORA (UNICAMP e UFJF)

ABSTRACT: *This paper discuss the relationship between language and praxia in test batteries for aphasic subjects. The aim of this study is to propose other way to assess apraxia, considering the context and following a discursive approach.*

KEYWORDS: *apraxia; aphasia; gestures; neurolinguistics; discourse.*

0. Introdução

Neste trabalho discuti-se o fenômeno da apraxia em sujeitos cérebro-lesados afásicos a partir de uma perspectiva teórica que assume a linguagem como um trabalho, uma atividade permeada pela inter-relação entre os sujeitos afásicos e não afásicos. Nas palavras de Franchi (1977/92:11), referindo-se à linguagem: “*Esta se situa em relação ao seu uso social, aberta aos fatores que a condicionam e determinam na interação dos interlocutores em suas relações com o mundo e a cultura*”.

Dessa forma, não fizemos uso de dispositivos teóricos que concebem a linguagem sob um viés estruturalista, considerando um sistema inflexível e estruturado a partir de níveis e concebendo a idéia de sujeitos falantes ideais. Referimo-nos aqui a um determinado estruturalismo lingüístico que postula a língua como um objeto homogeneamente estruturado, passível de ser separado em partes, cada vez mais elementares, até se esgotarem todas as possibilidades do objeto. Segundo Possenti (1995:20) “*(...) a língua não é uma estrutura, uma superfície plana, um objeto perfeito cujo funcionamento poderia ser calculado independentemente dos fatores que o afetariam apenas em determinadas condições*”.

Integrando várias formas de interação entre língua/discurso, linguagem/cognição, sujeito/práticas sociais, e inspirada nos trabalhos de Bakhtin (1929/95), Coudry (1986/96), Possenti (1986/88) e Geraldi (1990) entre outros autores, essa perspectiva ajuda a pensar questões lingüísticas e neurolingüísticas referentes a apraxias, e sua relação com a linguagem em quadros afásicos.

1. A apraxia na perspectiva neurolingüística: relações entre afasia e apraxia

Coudry (1986/96:5) define a afasia por “*alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos*



gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos”.

Um sujeito é afásico, segundo a autora, “quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação” (ibid: 5).

A apraxia, tem sido estudada como um dos fenômenos clínicos mais encontrados em sujeitos cérebro-lesados com afasia. Desde os primeiros relatos feitos por Liepmann, que datam do início deste século, citados por Hecaén & Rondot (cf Roy, 1985), a apraxia tem sido estudada como uma alteração na realização do gesto em sujeitos cérebro-lesados. Sua descrição, manifestação e avaliação evidenciam uma relação de semelhança, em termos neuroanatômicos, com a afasia. Esta, por sua vez, remete a vários aspectos e processos afeitos à linguagem. Mas qual a relação da apraxia com a linguagem?

A afasia pode afetar a gestualidade construída culturalmente. Tal como a linguagem, a gestualidade e, também, a percepção se constroem a partir de ações dirigidas ao outro, da relação do sujeito com o mundo exterior e, principalmente, são mediadas pela linguagem. Esse pressuposto demanda considerar a relação de continuidade entre movimento, gesto e práxis.

Ainda nessa perspectiva de situações de interação em que afásicos e não afásicos estabelecem relações, insere-se a atividade discursiva, na qual o trabalho lingüístico é dirigido ao outro, mas produzido por um sujeito que intervém com seu *eu* no discurso do *outro*, conforme formulação de Possenti (1995). Através das ações que se fazem com a linguagem, alteram-se as relações entre os sujeitos envolvidos no processo de significação (Geraldi, 1990).

Bakhtin pode ajudar nessa discussão. Em seus termos, a linguagem pode ser tomada como o produto da interação entre os interlocutores “... *toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém (...)*” (ibid, 1929/95:113).

A abordagem neurolingüística que se aproxima do conceito luriano¹ de sistema funcional complexo, e com a qual vimos trabalhando, tanto teórica quanto metodologicamente, pressupõe tanto a avaliação e exibição das dificuldades do sujeito, quanto as tentativas de solução, a partir da intervenção do investigador em situações de interação verbal e não verbal (COUDRY & MORATO, 1990). Essa visão permite intervir de modo a reconstruir os processos cognitivos alterados (linguagem, atenção, memória, percepção, praxias), haja vista sua estrutura heterogênea e complexa, cujo funcionamento ativo depende da colaboração de diferentes regiões hemisféricas interligadas por uma rede neural (DAMASCENO, 1990).

¹ Os estudos de LURIA mostram a idéia de um sistema funcional organizado e dinâmico (em termos de ANOKHIN, 1935). Esse *dinamismo* pode ser entendido como o funcionamento de sistemas cerebrais numa composição complexa e plástica, apresentando uma propriedade dinâmica de auto-regulação, decorrente de um trabalho coordenado e hierárquico das zonas cerebrais. Os estudos atuais de Neuroplasticidade têm confirmado essa premissa.



Essa visão teórica, baseada em pressupostos discursivos, considera o sujeito como locutor e interlocutor tendo, portanto, um papel fundamental em situações comunicativas. Não seria possível excluir sua história social e cultural, em defesa de dicotomias como língua e fala ou competência e performance, mas assumir uma concepção de linguagem em funcionamento.

Em outras palavras, *reconhecer a afasia significa não avaliar como apráxico um sujeito que não o é*, sobretudo tendo em conta que a maioria dos sujeitos afásicos que podem manifestar apraxia apresentam também dificuldades de produção verbal, que redundam em dificuldades predicativas, muitas vezes expressas sob formas que ferem o padrão (normativo) da língua.

2. Procedimentos metodológicos da Neurolingüística desenvolvida na UNICAMP

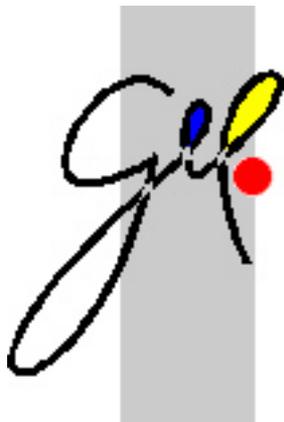
Do ponto de vista metodológico, um dos focos para a análise de dados da atividade gestual em sujeitos afásicos direciona-se para a natureza de fenômenos práxicos manifestados em situações enunciativo-discursivas, bem como em situações de avaliação desses sujeitos no acompanhamento longitudinal.

O *trabalho com e sobre a linguagem* desenvolvido no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) insere-se na proposta discursiva de estudo da linguagem da área de Neurolingüística desenvolvida na UNICAMP. Tal abordagem requer a mobilização de vários processos cognitivos (linguagem, memória, percepção, gestos, atenção, raciocínio através de inferências *etc*) culturalmente construídos e motivados pela realidade simbólica humana, expressa em práticas discursivas que relacionam ações e processos verbais e não verbais com o que faz sentido do ponto de vista da sociedade e cultura da qual os sujeitos fazem parte.

3. Algumas considerações sobre os testes de apraxia

Os pedidos por gestos, nos *testes de apraxia*, são feitos verbalmente. Para que o sujeito seja capaz de responder, ou seja, realizar gestualmente o pedido, é preciso que outras funções e processos cognitivos sejam mobilizados - como a memória que evoca a percepção ou o reconhecimento do gesto e/ou do objeto requerido, além do uso atribuído culturalmente a esse gesto e/ou objeto, ou seja, entra em jogo a experiência práxica conhecida e vivida. Isso significa levar em conta o sentido atribuído a um gesto ou a um objeto. No contexto patológico da afasia, ocorre uma descontinuidade no papel da linguagem para atuar na mobilização desses processos, condição para que o gesto seja realizado. A afasia afeita à linguagem, geralmente em uma de suas várias dimensões ou níveis, incluindo sua inter-relação - havendo aí linguagem em funcionamento - também pode interferir na expressão da organização simbólica mediante gestos e ações significativas humanas - o que se manifesta como apraxia.

Por isso, é de extrema importância avaliar o conhecimento e o uso dos objetos tematizados na avaliação, ou seja, a relação que o sujeito estabelece com certos objetos, além de seu valor cultural, dado que o uso social está inscrito na história do sujeito.



4. Dado

A seguir apresenta-se um segmento de um dado do sujeito **SI**², obtido por ocasião da aplicação do teste de praxias (sessão de 29/06/1998).

Nº	Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção do enunciado	Transcrição gestual
[44]	Icm	Aonde a senhora está vendo um candelabro?		
[45]	SI	Esse	Aponta o candelabro.	
[46]	Icm	Isso. Então vamo colocar a vela no candelabro		Em seguida coloca a vela na base do candelabro e não no local destinado para isto, ou seja no centro da tulipa
[47]	Icm	Mas aí ela vai cair né?		
[48]	SI	É mesmo		
[49]	Icm	Aonde a gente poderia colocá-la para que ela não caia? Este candelabro é um enfeite né dona SI?		
[50]	SI	É mesmo. Óia assim		Versa a vela para que a cera pingue na base do candelabro. Em seguida fixa a vela no mesmo lugar que havia colocado antes
[51]	Icm	Isso mesmo. Pode por. Aí dona SI. Ficou bonito?		
[52]	SI	Ficou	Demonstra estar feliz por ter conseguido colocar a vela	

A investigadora pediu a **SI** que (aonde a senhora está vendo um candelabro?) identificasse o candelabro e ela o fez (segmentos 44 e 45).

Veja-se que a instrução imprecisa da investigadora *eu queria que a senhora colocasse a vela no candelabro* no segmento 46, leva **SI** a colocar a vela na base do candelabro e não no centro da tulipa.

Quando a investigadora, observando que **SI** não usou o centro da flor como o lugar da vela, pergunta-lhe: onde a senhora poderia colocar a vela para que ela não caia? **SI** versa a vela para que caia cera e a fixa sobre a base, o que mostra que sabe usar uma

² O sujeito **SI** é descendente de japoneses da primeira geração (nissei), nascida no interior de São Paulo; reside há muitos anos na cidade de Campinas, tem 59 anos, é casada e mãe de quatro filhos. Coursou o nível básico de escolaridade (até a quarta série do primeiro grau). **SI** trabalhou no campo durante quase toda a vida e atualmente ajuda os filhos a cuidar de uma relojoaria em Vinhedo, cidade próxima a Campinas.

Em 1988 **SI** sofreu um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVCh), apresentando como sintomas clínicos: cefaléia, confusão mental e afasia. Freqüenta o CCA desde 1990.



base com função de candelabro (ou seja, segurar a vela para que não caia) nos segmentos 47-52.

SI não reconhece de imediato o centro da tulipa como lugar para portar a vela, o que não a impede de realizar planejada e organizadamente as ações envolvidas. Em uma aplicação tradicional, que desconsidera o sujeito e o contexto de uso, o fato de **SI** não ter reconhecido de imediato o centro da flor como o lugar destinado à vela, e de tê-la colocado em outro local, poderia ser interpretado como uma apraxia ideatória.

Uma avaliação de natureza discursiva relaciona objetos e ações com seus usos significativos: o diálogo entre investigadora e **SI** mostra bem essa relação quando se abrem diferentes ocasiões em que se usa uma vela (quando a luz apaga, para pessoas que já morreram).

A indeterminação da linguagem - o que ele *lembra*; eu queria que a senhora colocasse a vela *no* candelabro; *onde* a senhora poderia colocar a vela para que não caia - pode abrir caminhos de interpretação e representação diferentes para os sujeitos; e isso também ocorre entre sujeitos não afásicos. Por exemplo, não se estranha, entre interlocutores que partilham pressupostos de conhecimento, que um pergunte *quando* foi comprado um determinado objeto e o outro responda pelo *lugar*, partilhando o conhecimento do lugar em que estava na ocasião.

5. Considerações finais

Sujeitos cérebro-lesados afásicos e apráxicos têm dificuldade em lidar relacionalmente com a linguagem e outros processos cognitivos simbolicamente construídos, o que significa que é possível apresentar, sob outra organização, a mediação entre a percepção e a ação nos processos simbólicos. Nessa condição, muitas vezes, fica difícil para o sujeito, sobretudo em tarefas descontextualizadas, dar sentido, planejar e executar o gesto requisitado. É esperado encontrar apraxias em sujeitos afásicos e não pretende-se aqui negar que elas existam enquanto manifestações de dificuldades que tocam a relação do sujeito com a gestualidade, com o esquema corporal e cinestésico, principalmente considerando-se os inúmeros estudos (KERTSZ, 1985; KERTSZ & HOOPER, 1982; KERTSZ & FERRO & SHEWAN, 1984 cf ROY, 1985) sobre correlações anatomofisiológicas que descrevem a incidência de manifestações patológicas.

Portanto, para entender o fenômeno da apraxia sob uma perspectiva neurolinguística é preciso considerar a premissa de que as ações significativas podem ser (re)organizadas pela linguagem e seu funcionamento discursivo (em que atuam vários fatores relativos à língua e à sua relação com o exterior discursivo) o que abre possibilidades para que a atividade simbólica, expressa em diversas formas, gestos e ações humanas, seja (re)organizada.

RESUMO: Este trabalho discute a relação linguagem/praxia realizada nos testes neuropsicológicos com sujeitos cérebro-lesados afásicos. O principal objetivo deste



estudo é propor outra forma de avaliação das apraxias, considerando o contexto, segundo uma abordagem discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: apraxia; afasia; gestos; neurolingüística; discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1929/95.
- COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso - Discurso e Afasia*. Martins Fontes: São Paulo, 1986/96.
- COUDRY, M. I. H. & MORATO, E. M. Aspectos discursivos das afasias. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v.19, p.127-145, 1990.
- DAMASCENO, B. P. Neuropsicologia da atividade discursiva e seus distúrbios. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 19, p. 147-157, 1990.
- FRANCHI, C. (1977/92) Linguagem- atividade constitutiva. *Cadernos de estudos Lingüísticos*, v. 22., p. 9-39, 1977/92.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- POSSENTI, S. *Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986/88.
- POSSENTI, S. Língua: sistema de sistemas. Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística, série de Neuropsicologia, Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, São Paulo, v. 4, p. 20-25, 1995.
- ROY, E. A. *Neuropsychological Studies of Apraxia and Related Disorders*. Amsterdam: North-Holland, 1985.